

Em meio a telas e lembranças:

memórias e importância do cinema de rua



Lara Zolet

LARA SILVA ZOLET

Em meio a telas e lembranças

as memórias e importância dos cinemas de rua

Copyright © 2026 by Lara Silva Zolet

All rights reserved. No part of this publication may be reproduced, stored, or transmitted in any form or by any means, electronic, mechanical, photocopying, recording, scanning, or otherwise without written permission from the publisher. It is illegal to copy this book, post it to a website, or distribute it by any other means without permission.

First edition

This book was professionally typeset on Reedsy.

Find out more at reedsy.com

Contents

<i>Acknowledgments</i>	iv
Introduction	1
1 Capítulo 1 - Evolução da sétima arte	7
2 Capítulo 2 - Construção de um espaço cultural	18
3 Capítulo 3 - O brilho que se apagou	28
4 Crônica - Luzes do Centro	43
5 Capítulo: 4 - A permanência dos cinemas de rua na capital...	47
6 Capítulo 5 - O último resquício de cultura audiovisual	51
7 Capítulo 6 - Anos de desespero	59
8 Capítulo 7 - A Cultura ainda vive	63
9 Crônica - Nostalgia pelas telas	67
10 Crônica - Chegando ao centro	70
11 Referência Bibliográfica	78

Acknowledgments

Primeiramente, gostaria de agradecer à jornalista e professora Maria Carolina Goos por ter me orientado, exigido, ensinado e explicado o processo que eu deveria seguir para a realização deste trabalho. Sem ela, este livro não seria possível. Além disso, agradeço pela paciência que teve ao me aconselhar em momentos de desespero.

Quero agradecer a todos os meus tios, avós e primos por todo o apoio que me deram desde a minha infância. Especialmente aos meus pais, Zildete V. da Silva e Oilson Zolet, que sempre foram minha base e meu alicerce em toda a minha trajetória, apoiando-me e aconselhando-me na área acadêmica e profissional. Além disso, quero agradecer à minha irmã mais nova, Larissa Zolet, e dizer a ela que parte deste trabalho carrega as nossas memórias de infância.

Deixo meus agradecimentos a Vinícius, Heitor, Flávio, Nayara, Gislene e Cláudia, que disponibilizaram seu tempo para contribuir com este projeto. Um pouco dos seus conhecimentos e do amor que sentem pela sétima arte está registrado aqui.

Por último, quero agradecer ao corpo docente da PUC Goiás, que me ensinou e me guiou durante minha formação em Jornalismo. Suas aulas foram essenciais para a produção deste livro.

Introduction

Quando somos crianças, vemos magia nas coisas mais simples da vida. Desde o parquinho velho perto de nossa casa, a pracinha vazia, até passeios maiores, como um parque de diversões ou nadar em uma piscina de clube. A vida é mais simples na infância; transformamos uma ida a um sítio, que deveria ser monótona, em uma aventura na selva, com animais perigosos e armadilhas, tal qual no filme de Indiana Jones.

Eu me lembro de que, quando era criança, adorava sair de casa, ver pessoas novas, ocupar meu tempo com minha imaginação fértil e aproveitar cada segundo. Sempre fui uma menina que valorizava o fantasioso, o mundo longe da realidade, o que me permitia contar histórias e brincar com minha escrita à vontade. Qualquer coisa que me faça acreditar na magia me atrai de formas inimagináveis e me faz mergulhar naquele universo sem pensar duas vezes.

Onde quero chegar com isso? Bem, sempre gostei de contextualizar um pouco meus trabalhos e deixar claro o motivo de eu estar me dedicando a eles. Para início de conversa, meu passeio favorito na infância era o cinema. Como mencionei antes, sempre gostei de mergulhar no fantasioso, de conhecer histórias que me tirassem da realidade — e nada melhor para isso do que um bom filme.

É claro que meus gostos pessoais não se limitam a isso, mas,

como o foco aqui é cinema, não vamos nos alongar mais do que o necessário. Como qualquer criança, eu acho, eu era apaixonada por animações: Disney, DreamWorks, Blue Sky e vários outros estúdios moldaram meu caráter e me fizeram ser a garota que sou hoje. Eu amava — aliás, amo até hoje — acompanhar os novos lançamentos.

Nunca vou esquecer o desespero que senti quando foi lançado um dos queridinhos da Disney: Frozen: Uma Aventura Congelante. A TV a cabo fazia o inferno na vida de uma criança, com propagandas, entrevistas, músicas — tudo para chamar a atenção do público para ir ao cinema. Claro que eu caí nessa. Como uma criança de 9 anos não cairia nessa promessa encantada?

Não satisfeita em ser “manipulada” pela propaganda exagerada do Disney Junior, precisei convencer meus pais.

— Mamãe, você viu o filme legal que vai lançar agora? É de uma princesa que tem poderes de neve.

Minha mãe já sabia onde aquela história iria chegar, mas concordou comigo que parecia uma linda animação.

— Mamãe, olha que engraçado, o boneco de neve fala!

Depois de algumas indiretas sobre onde eu queria ir, fui direto ao ponto: eu queria muito assistir ao filme. Mas, infelizmente, precisei me deparar com a realidade — estávamos sem dinheiro.

Bem, contextualizando: eu era uma criança apaixonada pelo imaginário, pelo mundo fictício, pelo fantasioso. Eu adorava filmes, adorava cinema... mas não tinha dinheiro. Desde que me entendo por gente, a maioria dos cinemas aqui no Brasil — especialmente em Goiás — fica em shopping centers, e os ingressos sempre tiveram um preço salgado, o que dificultava minha ida.

Minha mãe sempre dizia que eu poderia esperar eles rece-

berem, que com certeza levaria a mim e à minha irmã caçula para assistir à história da princesa com poderes de gelo que fugiu do seu reino e não sabia controlar suas habilidades. Não havia muito o que fazer: eu aceitava e esperava o salário cair na conta.

Como era triste a vida da criança que ia para a escola todos os dias e ficava ouvindo os amigos comentando sobre o filme que já tinham assistido — e você não. Um pouco dramático? Talvez. Mas não me culpe: culpe o Disney Junior e o Disney Channel, que não paravam de fazer propaganda desse bendito filme.

Só sei que o tempo passou e, no final, não consegui assistir a esse filme no cinema. Não me recordo muito bem, mas meus pais não conseguiram quitar as contas e o filme já tinha saído de cartaz. Tudo bem? Eu acho. Não lembro da minha reação. Talvez eu tenha chorado, esperneado ou apenas aceitado meu cruel destino.

Mas lembro que minha mãe ficou se sentindo culpada por não ter conseguido nos levar para assistir ao filme, já que era algo prometido desde a estreia. Como compensação, iríamos ver outro filme em um lugar mais em conta — o que, para mim, estava tudo bem.

Apesar de meus passeios ao cinema não serem tão frequentes quanto hoje, lembro que quase sempre passávamos por um shopping para chegar até lá — geralmente o Shopping Flamboyant, o mais próximo de onde moro. Mas, dessa vez, foi diferente.



Eu e minha irmã, Larissa Zolet, no Cine Rits (Reprodução: Zildete V. da Silva)

Estávamos indo em direção ao Centro de Goiânia, o que, na minha cabeça, não significava muita coisa — sempre fui ruim de localização. Só sabia que era estranho não estarmos indo a um shopping, como de costume.

O lugar “misterioso” ficava à direita, em uma rua pequena. Já era noite, e a região estava movimentada, com pessoas nos bares ao redor. Quando chegamos à entrada do pequeno cinema, havia um pôster gigante com os pássaros — estrelas do filme *Rio 2*, o substituto de *Frozen*.

Eu e minha irmã tiramos fotos em frente ao pôster e entramos. O lugar era simples e aconchegante, com duas salas divididas por um grande balcão. No centro, ficavam os responsáveis pela venda de ingressos, junto à pipoqueira e às outras guloseimas típicas de cinema.

Os filmes eram organizados por horários e salas. A sala 1 ficava à esquerda, e a sala 2, à direita. A indicação vinha em um papel entregue após o pagamento.

Depois de conseguirmos os ingressos, fomos para a sala indicada, nos acomodamos nas poltronas numeradas e nos preparamos para o filme. Lembro que a sala era menos cheia que o comum, o que dava mais liberdade e conforto para assistir.

Era possível ouvir risadas mais altas nas cenas de comédia e cochichos sobre o filme. Não era incômodo; pelo contrário, parecia que todos estavam realmente envolvidos com a história.

Uma cena que guardo na memória é inspirada em Romeu e Julieta, clássico de William Shakespeare. Um dos personagens — uma rã venenosa — estava apaixonado pelo vilão da história. Após uma sequência de acontecimentos, ele sofre um acidente e está prestes a morrer.

A rã, em um grito desesperado, recita um trecho da obra e, em seguida, usa o próprio veneno, protagonizando uma cena trágica. Nesse momento, alguém na plateia gritou, reagindo de forma emocionada à referência.

Na época, achei estranho — não era algo comum nos cinemas de shopping. Lá, no máximo, ouvíamos risadas ou sustos. Mas, como criança, achei divertido.

De qualquer forma, havia uma sensação de familiaridade no lugar. Parecia que muitos ali eram frequentadores antigos. O preço da entrada era acessível, pensado para todos os públicos — ideal para quem queria acompanhar lançamentos sem gastar muito.

Com o tempo, fui crescendo e desenvolvendo meu gosto pela cultura. E então ouvi notícias tristes sobre Goiânia: na década de 1990, muitos cinemas de rua foram fechados e substituídos por salas em shopping centers.

Os primeiros cinemas de rua surgiram na década de 1940, com a inauguração do Cine Santa Maria, localizado na Rua 24. Junto a ele, havia o Teatro Goiânia, que exibia não apenas filmes, mas também apresentações culturais.

Durante as décadas de 1950 e 1960, foi um dos centros culturais mais importantes da cidade. Hoje, o espaço ainda funciona, mas não exhibe mais filmes.

Outro cinema importante foi o Cine Goiás, localizado na Avenida Anhanguera, próximo à Rua 20. Segundo o professor Lisandro Nogueira, da Universidade Federal de Goiás (UFG), em entrevista ao jornal *Opção*, o Cine Goiás representou o auge da experiência cinematográfica na cidade até a década de 1970.

Hoje, eu entendo que essa experiência não foi só sobre apreciar um filme com o qual eu sonhava em assistir, mas, sim, sobre aprender que nem sempre a realidade acompanha nossa imaginação. Entretanto, ainda assim, ela arranja um jeito de existir.

Naquele pequeno cinema de rua, com risadas altas saindo da plateia e o grito surpreendente, o sentimento cultural e nostálgico que surge desse lugar deixa um amargo na boca ao imaginar que ele não recebe o valor merecido. O Cine Ritz sofre constantemente com o vandalismo e crises que podem levá-lo a fechar suas portas; porém, ele permanece ali, resistindo à luta e levando o símbolo cultural da nossa cidade.

Nessa história, o lugar a que quero chegar é o da admiração e do respeito por essa batalha que está longe de acabar.

1

Capítulo 1 - Evolução da sétima arte

O cinema é uma forma de expressão por meio da qual é possível contar uma história através de falas e imagens. Considerada a sétima arte, essa produção artística é uma das mais consumidas nos dias de hoje e atrai por sua maneira apaixonante e fantástica de transmitir outros universos, com personagens complexos, cenas de ação com efeitos especiais e trilhas sonoras contagiantes.

Em entrevista com a atriz Nayara Silva, ela definiu que esse é um formato de expressão que envolve falas, desconsiderando a era do cinema mudo, movimentos corporais, uma história profunda, relações, ensinamentos e filosofias. Desde muito nova, Nay sempre foi apaixonada por essa arte, a ponto de se mudar de cidade para correr atrás dos seus sonhos.

“Desde novinha eu gostava de assistir novelas com minha avó e sempre me encantava pelos artistas que estavam ali presentes. A área do audiovisual sempre me encantou muito, e desde criança batalho para seguir nessa profissão.”

Apesar de ter entrado no assunto “novela”, Nay explica que também já participou de filmes como “Sobrevivendo ao inferno” e “Sala 666”. Para ela, estar em frente às câmeras é uma

alegria, e ela espera que um dia essa área aqui no Brasil seja mais valorizada.

“O cinema nacional tem crescido muito. É maravilhoso ver o brasileiro dando valor à nossa arte. Tenho esperança de que, daqui a alguns anos, os cinemas nacionais serão tão aclamados pelo brasileiro quanto os cinemas estadunidenses.”

Para entendermos melhor sobre o cinema, vejamos a história dessa arte maravilhosa, analisando o interesse do ser humano pela imagem.

A história dessa arte é longa e complexa, surgindo da necessidade humana de narrar em diferentes formatos e maneiras. Um exemplo que se pode citar aparece nas aulas de História, quando a professora ensina sobre a pré-história e o início da trajetória humana. Os “hominídeos”, popularmente conhecidos como “homens das cavernas”, deixaram registrados, nas paredes das cavernas, patrimônios históricos que são estudados até os dias de hoje.

A arqueóloga Ana Sofia Oliveira dos Santos, no artigo “A fotografia e a pintura rupestre: relações entre imagens e memórias”, publicado em 2008, diz que essas gravuras são normalmente denominadas de “arte pré-histórica” e podem ser encontradas nos continentes europeu e australiano, com desenhos datados de 40.000 a 35.000 anos. Santos esclarece que elas podem ser tão antigas quanto as encontradas na África do Sul e, mais recentemente, na América.

Ana Sofia explica que essas representações não existem por acaso, mas são signos que respondem a diversos significados. As grafias rupestres eram um reflexo das imagens mentais que o homem tinha sobre o mundo à sua volta.

“A arte rupestre não pode ser interpretada na sua totalidade segundo os parâmetros do discurso escrito, embora a análise

estruturalista, como método formal, seja uma metodologia adequada ao entendimento de algumas relações entre os elementos figurativos e entre estes e o espaço (de representação) com o qual constroem uma unidade”, disse Ana Sofia em seu artigo.



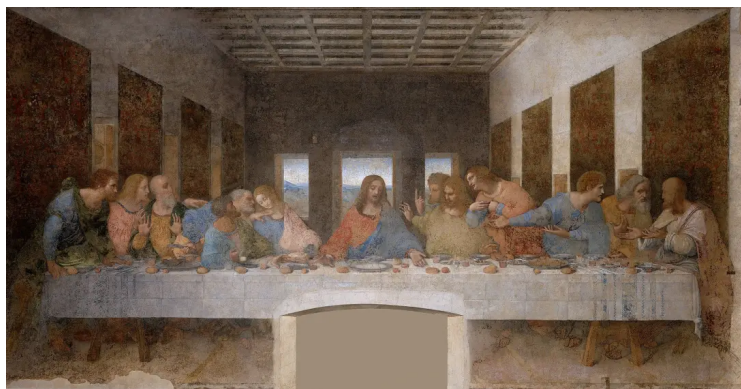
*Arte rupestre encontrado em um sítio arqueológico no Piauí
(Reprodução: Wemersos de Oliveira)*

Os anos se passaram, e a humanidade evoluiu, assim como as pinturas. O que antes eram apenas cores e formas tornou-se algo mais elaborado, sendo possível adicionar cenários, sombreamentos, contornos e outras técnicas que aproximavam a representação da realidade. Pinturas como *A Última Ceia* tornaram-se marcos para a religião cristã. As mensagens ficaram mais complexas, envolvendo filosofias, questionamentos políticos e religiosos, além de toda uma cultura e história

registradas com tinta a óleo.

Segundo o jornalista Leandro Raphael Nascimento de Paula, no artigo “A Última Ceia”, publicado em 2007 para uma pesquisa da Universidade Federal do Pará, a pintura obedece aos postulados clássicos e existe como uma representação do “real” e da proporção áurea. A tela, em específico, retrata um anúncio de Cristo aos seus apóstolos relacionado a uma traição que estaria por vir.

“Essa obra produzida por Da Vinci tornou-se canônica, pois consolidou a representação da Última Ceia e da imagem clássica de Jesus Cristo, que seriam reproduzidas ao longo do desenvolvimento das sociedades pré-modernas. Ela é um marco da alegoria para a Última Ceia bíblica”, ressaltou Leandro em seu artigo.

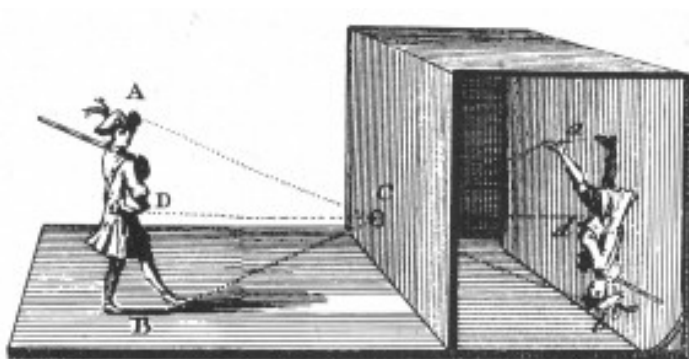


A Última Ceia, Leonardo Da Vinci, 1495/1498 (Reprodução:
Gabriel Luis de Oliveira)

A evolução artística não parou por aí, a fotografia foi outro

marco para a história. de acordo com Felipe Salles com o professor de fotografia e cinematografia na UNICAMP, no artigo “Breve história da fotografia”, do ano de 2004, não há uma definição concreta de quando a Fotografia foi criada, nem os processos que levaram para tal. O que existem, são experiências conhecidas pelo humano, que envolve diversos cientistas em épocas diferentes. Todavia, é possível apontar fenômenos que ajudaram no processo desta inovação.

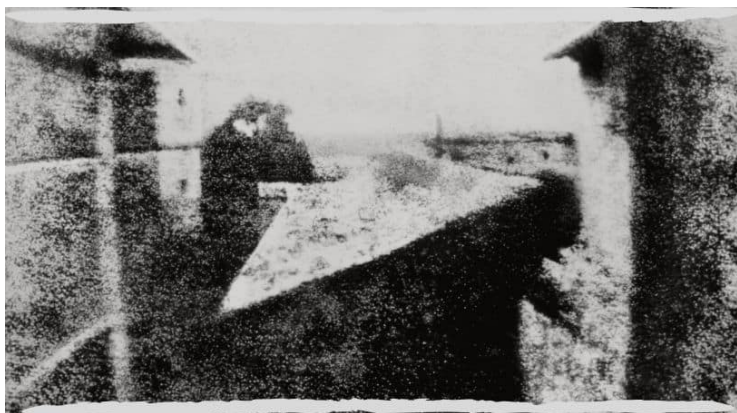
Segundo Felipe Salles, a câmera escura foi um desses processos que ajudou na criação da fotografia. Essa máquina é uma caixa preta, que não permitia a entrada de luz, havia um orifício em um dos seus lados. O aparelho, quando apontava para algum objeto, a luz saindo pelos orifícios, refletia para dentro da caixa. “Isso permite a visão de qualquer paisagem ou objeto através do orifício que, dependendo do tamanho e da distância focal, projetava uma imagem maior ou menor.



Demonstração de como uma câmera escura funciona (Reprodução: UFMG)

De acordo com Salles, um dos pioneiros da invenção da fotografia foi Nicéphore Niépce, originário da França, nascido em 1765. Nicéphore tinha um fascínio pela captura visual e estudou técnicas que poderiam ajudá-lo nesse processo. Sua primeira tentativa utilizou o betume da Judeia, um verniz empregado na técnica da água-forte e que secava rapidamente quando exposto ao sol.

“Niépce procurou, de muitas formas, utilizar chapas metálicas emulsionadas com esse betume para imprimir imagens na câmera obscura, mas a quantidade de luz que entrava por ela era muito pouca, considerando a provável sensibilidade do betume, da ordem de 0,00012 ISO, e o tempo de exposição provavelmente ultrapassava 12 horas (Niépce registra 8, mas deveria ser mais). Com isso, além da modificação das sombras pelo movimento da Terra em relação ao Sol, que deixava a imagem irregular e confusa, o solvente também evaporava e a chapa ficava inteiramente seca.”



*Segundo Salles, essa é considerada a primeira fotografia a história
(Reprodução: Felipe Salles)*

Outra personalidade importante para a invenção da fotografia foi Louis Daguerre. De acordo com Salles, Daguerre trabalhava com uma câmera obscura, mas utilizava a pintura em seus experimentos. O homem ficou entusiasmado em desenvolver uma técnica de reprodução eficiente e propôs uma parceria a Niépce.

“A sociedade entre Daguerre e Niépce tinha por objetivo o aprimoramento das técnicas até então desenvolvidas, mas ambos trabalhavam em sentidos opostos, uma vez que Niépce tinha em mente uma imagem capaz de ser copiada e reproduzida, e Daguerre, como era pintor, procurava simplesmente uma imagem satisfatória. Nada conseguiram em conjunto e, quatro anos após a sociedade, Niépce faleceu, em 1833.”

Felipe Salles afirma, no artigo “Breve História da Fotografia”, que Daguerre prosseguiu com a experiência.

“Primeiro, utilizou como base chapas metálicas de prata ou cobre, que já haviam sido testadas por Niépce com bons resultados. Entretanto, todas as experiências de Niépce tinham por objetivo a obtenção de uma matriz para ser reproduzida, e Daguerre, que não tinha a intenção de descobrir um sistema litográfico mais avançado, teve que deixar de lado todo o avanço nesta área já feito por Niépce com o betume da Judeia e experimentou trabalhar com sais de prata, como outros faziam na busca da imagem fotográfica”, disse Salles em seu artigo.



*Niépce e Daguerre são considerados os pais da Fotografia
(Reprodução: Felipe Salles)*

O cineasta Leonardo Barbosa Rossato, no livro *História do Cinema e do Audiovisual*, lançado em 2019, afirma que, no século XIX, as câmeras fotográficas passaram por mais uma evolução. Os avanços tecnológicos permitiram que a captura de imagens se tornasse dinâmica, ou seja, deixasse de ser algo

estático. Surgiram os chamados equipamentos ópticos em movimento, que buscavam alcançar um dos maiores desejos humanos: representar a realidade com fidelidade.

Graças a essa invenção, foi possível estabelecer um ponto de partida para o surgimento de uma das maiores criações humanas: o cinema. Vale lembrar que ainda estamos no século XIX, período marcado por grandes evoluções tecnológicas impulsionadas pela Revolução Industrial.

O livro *História do Cinema para Quem Tem Pressa*, do cineasta Celso Sabadin, afirma que a história da sétima arte é marcada por uma longa trajetória em diversas regiões do mundo. Entretanto, em uma perspectiva eurocêntrica, seu marco inicial ocorreu em 28 de dezembro de 1895, na cidade de Paris, na França. Os irmãos Auguste e Louis Lumière realizaram gravações de cenas cotidianas da população parisiense. Imagens de trabalhadores saindo de uma fábrica, um trem chegando à estação ou pessoas em um café eram comuns em suas produções



Trabalhadores saindo da fábrica, o vídeo tem 46 segundos de duração. (Reprodução: Cecília Pavic)

“Para os irmãos Lumière, o cinema era uma tecnologia de captação da realidade, possuindo uma função científica de estudo técnico sobre a formação das imagens, além de apresentar novas possibilidades para a ciência.” Essa afirmação é de Leonardo Barbosa Rossato, retirada do livro *A História do Cinema e do Audiovisual*. O autor é graduado em Imagem e Som pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), mestre em Filosofia pela Universidade de Brasília (UnB) e, atualmente, professor de audiovisual no Instituto Federal de Brasília (IFB).

O cineasta levanta um fator curioso sobre os irmãos Lumière: eles consideravam o cinema algo “sem futuro”. Acreditavam que, com o passar dos anos, ele seria ofuscado por outras inovações. Observando os tempos atuais, percebe-se que o cinema, enquanto espaço físico, enfrenta dificuldades para atrair público. No entanto, os filmes continuam populares e evoluíram para diversos formatos, como animações e séries. Dessa forma, essa arte continua viva e se reinventa constantemente para se adaptar à sociedade.

Leandro ressalta que, após a descoberta dos irmãos Lumière, essa inovação foi, aos poucos, ganhando novas formas. Georges Méliès, ilusionista da época, encantou-se com uma apresentação realizada pelos irmãos em um café em Paris. Por trabalhar com mágica, decidiu adquirir o aparelho e desenvolver técnicas de trucagem. Pode-se dizer que Méliès foi responsável por criar os primeiros efeitos especiais do cinema. Por isso, é considerado o precursor dos filmes de ficção, enquanto os irmãos Lumière são reconhecidos como pioneiros do documentário.

Após 20 anos, o cinema foi se desenvolvendo ainda mais. Surgiu, então, o primeiro filme de ficção científica da história: *Viagem à Lua*, escrito e dirigido pelo próprio Georges Méliès. A obra conta a história de um professor que sonha em viajar à

Lua e reúne seus companheiros para organizar essa aventura intergaláctica, repleta de perigos e descobertas.



Cena clássica do filme “viagem à lua” (Reprodução: Carlos Alsemi)

O filme tem cerca de 20 minutos de duração e, apesar dos efeitos hoje considerados simples, foi um grande sucesso no início do século XX. A obra foi exibida em 1902 e ainda pode ser encontrada em plataformas como o YouTube.

Após essa retomada histórica do surgimento do cinema, é importante destacar um elemento fundamental para que essa arte aconteça: o espaço de exibição. Os locais onde os filmes são apresentados são essenciais para o desenvolvimento cultural, pois promovem encontros, lazer e a apreciação coletiva dessa forma de arte tão marcante para a sociedade.

2

Capítulo 2 - Construção de um espaço cultural

O jornalista Osmar Gonçalves disse, no artigo “*Cinemas de Salvador: apogeu dos cinemas de rua*”, de 2021, que a chegada do cinema ao Brasil se deu em 8 de julho de 1896, com a exibição de um filme de Georges Méliès na cidade do Rio de Janeiro. A cidade de Salvador foi a próxima selecionada para receber esse grande espetáculo, já no ano seguinte.

Nessa época, o jornalista afirma em seu artigo que os filmes eram transmitidos em teatros, por não haver locais próprios para essas obras. Um fator interessante era que, nesse período, os filmes eram mudos, o que levava ao acompanhamento de uma orquestra durante a exibição dos longas-metragens.

“Essas primeiras exibições não tiveram muito sucesso, tendo Dionísio Costa realizado, com a ajuda de Feliciano da Ressurreição Batista, sessões de cinematógrafo entre os dias 18 e 22 do mesmo mês de dezembro, no salão de um prédio na Praça Castro Alves, no que chamaram de Cinema Edison. A instalação de um cinematógrafo fixo só ocorreu em 1898, no Teatro São João, tendo essa experiência recebido críticas positivas do jornal

Correio de Notícias”, diz o artigo.

O jornalista menciona ainda que, em abril de 1907, houve um apoio em massa da imprensa ao cinema. O motivo? A peste bubônica já não era um problema na época, pois havia sido controlada. Por esse fator, iniciou-se uma disputa entre o cinema e o Teatro São João, localizado em Salvador.

Gonçalves também afirma que a revista *Artes e Artistas* relatou que, em Salvador, havia nove cinemas de rua: Politeama Baiano, Teatro São João, Guarani, Ideal Cinema, Recreio São Jerônimo, Cinema e Teatro Olímpia, Jandaia, Avenida, Itapagipe, Barbalho e Calçada.

“Por volta dos anos 1930, os espectadores já estavam fascinados pela sétima arte, interagindo com os filmes como se fosse possível participar diretamente deles.”

Recife também conta com uma história rica, com cinemas que tiveram uma longa trajetória e contribuíram para a história do cinema brasileiro como um todo. As jornalistas Maiara Cavalcanti e Carolina Cavalcanti afirmam, no artigo “*Série de Reportagens de TV: resgate histórico dos cinemas de rua em Recife*”, que esse fator se deve ao longo processo de estruturação da área audiovisual da cidade, que impactou de maneira significativa a população e os profissionais da área.



Entrada do Cine Guarany, em Salvador, década de 1930

(Reprodução: Rodrigo Lopes)

As jornalistas Cavalcantis comentam sobre a autora Lúcia Gaspar, que afirma que o primeiro cinema de rua de Recife foi inaugurado em 27 de julho de 1909, na Rua Nova, onde se denomina Pathé, logo após, tivemos o surgimento do cinema Royal, que se fixava no mesmo local do primeiro. Os dois cinemas não existem mais, mas na época disputavam o público.



Cinema Pathé, primeiro cinema de rua de Recife (Reprodução: Walmir Chagas)

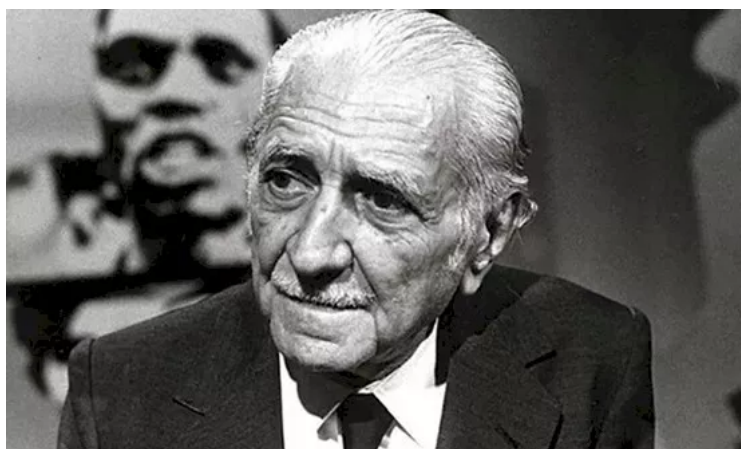


Anúncio sobre a inauguração do cinema Royal (Reprodução: Emmanuel Bento)

De acordo com as Cavalcantis, neste mesmo artigo, houve um

período na capital pernambucana, mais especificamente na década de 1920, que foi denominado Ciclo do Recife. A maior produtora da época era a Aurora Film, que surgiu a partir de uma parceria entre o escritor Roiz e o fotógrafo Chagas. O último a se unir à dupla foi o especialista em engenharia Ari Severo, que ingressou no grupo em 1925, três anos após a criação do estúdio.

A pesquisadora de cinema do Programa de Pós-Graduação em Multimeios da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Luciana Corrêa, afirma, em entrevista à *Revista Pesquisa FAPESP*, que, nesse período, havia uma intensa busca pela modernidade. Tratava-se de um processo que tinha como figuras polêmicas o sociólogo Gilberto Freyre, autor do *Manifesto Regionalista*, e o jornalista Joaquim Inojosa, que mantinha conexão com os participantes da Semana de Arte Moderna de 1922 e atuava como divulgador das ideias modernistas.



Gilberto Freyre, sociólogo e escritor do Manifesto Regionalista
(Reprodução: O Globo)

Segundo o antropólogo Eduardo Duarte Gomes, no artigo “*Cinema: a estética do cinema de rua em Recife*”, a cidade era considerada uma Hollywood brasileira. Eram gravados, todos os finais de semana, 13 longas-metragens por meio do improvisado e de baixos orçamentos. No entanto, com a chegada do cinema falado, esse ciclo precisou ser encerrado, causando um longo hiato nas produções audiovisuais da cidade.

Gomes menciona que, nos anos 1970, Recife retomou sua alta produção de filmes e recebeu o nome de “Super 8”, pois os longas-metragens eram produzidos em bitola 8 mm, utilizando uma câmera pequena que facilitava a movimentação. Esse período teve início em 1973 e só chegou ao fim em 1983.

Esse fenômeno, marcante para a história de Pernambuco, foi um dos fatores que ajudaram os cinemas de rua da época, pois as pessoas se deslocavam de outras cidades e estados para adquirir equipamentos Super 8 e, conseqüentemente, produzir mais filmes.



Câmera super 8, artefato bastante usado em Recife (Reprodução Emmanuel Bento)

Essas são algumas regiões em que os cinemas de rua se mostraram fortes perante a cultura da época. Atualmente, grande parte desses cinemas deixou de existir, deixando para trás apenas a nostalgia e um gosto amargo no peito. Em Recife, por exemplo, a região central da cidade, onde esses cinemas se fixaram, está vazia. Kleber Mendonça Filho, em seu documentário *Retratos Fantasmas*, no qual mergulha em suas memórias pela cidade de Recife, fala sobre a quantidade de jovens que nunca frequentaram o centro da cidade. Essa evasão atinge todos os comércios e qualquer lugar que dependa da região central para sobreviver.

“O centro é um lugar que uma parte da cidade parece ter esquecido que existe. Tem um clima decadente de quem foi abandonado sem grandes explicações. Tem muita gente jovem

que nunca nem viu o centro.” Essa foi uma das falas de Kleber Mendonça Filho durante o documentário.

Se formos analisar, a falta de segurança e o descaso dos poderes públicos para com esses lugares resultam em falta de público e em uma crise constante. Em consequência disso, ocorre a migração dos espectadores para as salas de cinema localizadas em shopping centers. Misturando esses dois elementos, temos um cenário de crise e, por esse motivo, a dificuldade desses espaços em se manterem de pé.

Nesse sentido, percebemos que diversos cinemas de rua passam pelo mesmo problema: a disputa contra os cinemas de shopping, somada ao abandono do poder público em relação às áreas centrais e periféricas. Um exemplo citado vem de Matheus Fiore, no blog *Locadora Fiore*. Ele desabafa sobre a quantidade reduzida de cinemas de rua que a cidade do Rio de Janeiro possui atualmente.

“Os cinemas de rua praticamente acabaram. Aqui no Rio, o Estação é um dos últimos, mas sobrevive a duras penas — e com atuação na zona nobre da cidade. A divisão de telas é totalmente controlada pelos monopólios dos gigantes da indústria americana”, disse em seu blog *Cinema em crise e a redundância do circuito comercial*.



Roxy, cinema localizado no Rio de Janeiro (Reprodução: O Globo)

Em entrevista com o cineasta Vinícius Lopes, formado pela Universidade Celso Lisboa, o cinema de rua tem como principal elemento a luta pela sobrevivência.

“Para nós, cineastas, entendemos que o cinema de rua é um cinema que vem de muita luta. Sempre recebemos propostas, por exemplo, para tirar o cinema dali e construir alguma coisa super banal.”

Nesse caso, podemos perceber que se trata de uma crise preocupante, que se espalha por vários lugares ao redor do mundo, especialmente aqui no Brasil. É preciso compreender a importância e o valor histórico que os cinemas de rua carregam consigo. Sua acessibilidade garante que classes mais baixas possam ter um momento de lazer para assistir a um filme. Vinícius Lopes fala um pouco sobre sua experiência com esse tipo de cinema.

“Os cinemas de rua, muitas vezes, não têm nomes grandes

e, por isso, precisam se manter sozinhos. Fazer manutenção, cuidar da estrutura e lidar com diversas despesas. Eu conheço, aqui no Rio de Janeiro, por exemplo, alguns cinemas de rua que têm uma estrutura legal e que ninguém conhece.”

Essa crise que alastra os cinemas, já acontece há alguns anos, é preciso entender a gravidade da situação.

3

Capítulo 3 - O brilho que se apagou

“Esses cinemas já passaram por muitas fases para estar de pé até hoje, desde dívidas enormes até protestos para evitar o fechamento. Até hoje, existem cinemas pelo Brasil que são muito antigos.” Essas são palavras de Vinícius Lopes sobre um pouco da trajetória desses centros culturais.

O início do século XX foi marcado por grandes mudanças na sociedade como um todo. Nessa época, houve um aumento considerável no desenvolvimento econômico e na distribuição de renda nas áreas urbanas, que só se ampliaram e, aos poucos, foram se transformando nas grandes cidades que conhecemos hoje.

Leonardo Daffin, graduado em Geografia pela UFF, escreveu para *O Globo* que o motivo foi o processo de industrialização. Nessa época, a população passou de um modelo de êxodo rural para um modelo urbano-industrial. Segundo Daffin, em 1940, 31% da população já vivia nas cidades, com o processo de urbanização se intensificando a partir da década de 1950.



Rio do Janeiro no Séc XX (Reprodução: Augusto Malta, 1912)

Essa expansão influenciou o desenvolvimento das regiões centrais das cidades. Havia uma grande quantidade de construções vazias que, mesmo com toda a infraestrutura disponível, estavam desocupadas ou subutilizadas e que, aos poucos, foram se transformando em áreas comerciais, ampliando as vagas de emprego e movimentando a economia local.

A chegada dos cinemas de rua ao Brasil, em 1898, foi um reflexo desse crescimento e do desenvolvimento pelos quais os centros urbanos brasileiros passavam na época. Esse aspecto da nossa história gera uma reflexão sobre a importância dessas regiões sob uma perspectiva histórica e leva a um questionamento sobre o que esses comércios e cinemas de rua se tornaram nos dias de hoje.

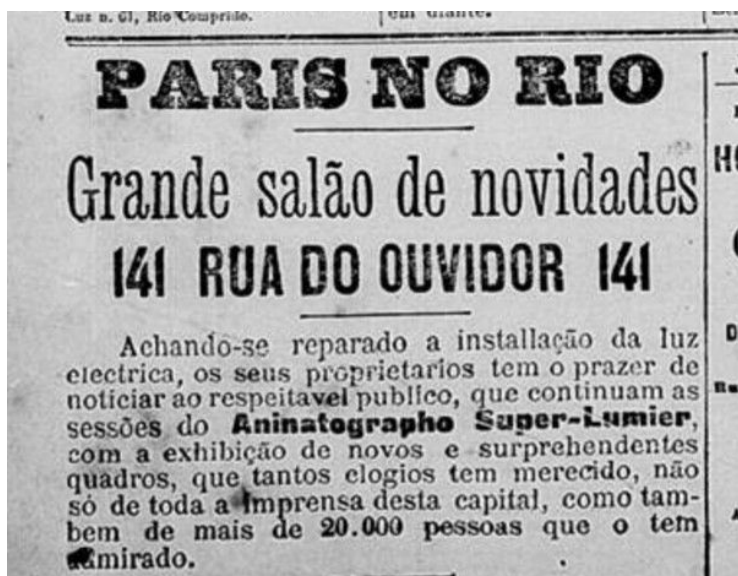


*Anúncio do primeiro cinema da cidade de Recife (Reprodução:
Emmanuel Bento)*

O professor de pós-graduação em Imagem e Som da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), Carlos Roberto de Souza, escreveu, no artigo “Os pioneiros do cinema brasileiro”, que a primeira sala de cinema do Brasil surgiu no Rio de Janeiro, em 1896, e era chamada de Cine Teatro Paris.

“O repertório do espetáculo é semelhante ao de várias primeiras sessões de cinema em todo o mundo. O problema da trepidação das imagens, que o cronista aponta, porém, pode ter sido provocado pela precariedade no fornecimento

da energia elétrica, não apenas ao salão, mas a todo o país. A eletricidade mal engatinhava no Brasil e, durante algum tempo, esse foi um dos motivos de as exibições cinematográficas não se firmarem. Até meados de 1897, entretanto, o Rio será visitado por diversas companhias de variedades que, juntamente com zarzuelas, macacos, cães, cabras, mulheres barbadas e acrobatas, apresentarão aparelhos e vistas confeccionadas fundamentalmente em Portugal, na França e nos Estados Unidos”, diz Souza em seu artigo.



Anúncio do primeiro cinema de rua do Brasil, em 1897 (Reprodução: O Globo)

Carlos afirma que o sucesso desse cinema era tão grande que, para atender à alta demanda por filmes, alguns emissários viajaram para os Estados Unidos e para a Europa com o objetivo de conseguir novos longas-metragens. Por esse motivo, em 19 de junho de 1898, Afonso Segreto trouxe uma câmera de filmar e, enquanto estava a bordo do navio *Brésil*, registrou imagens da Baía de Guanabara. Esse acontecimento tornou-se uma das teorias sobre as origens do cinema brasileiro.

“A avidez do público por novos filmes e a aceitação das vistas nacionais fazem com que Pascoal Segreto – dono também de outras salas de variedades –, cognominado pelo povo e pela imprensa de ‘Ministro das Diversões do Rio de Janeiro’, monte um laboratório próprio, de forma que, daqui a poucos dias, qualquer acontecimento (paradas militares, incêndios, manifestações etc.) será reproduzido fielmente, 48 horas depois, no animatógrafo do Salão de Paris, no Rio. Todos os dias, vistas novas, nacionais e estrangeiras, dos últimos acontecimentos.”

Giovanna Martino afirma, em seu artigo *“De marco cultural a vazio urbano: o que podemos aprender sobre os cinemas de rua”*, que, entre as décadas de 1930 e 1960, os cinemas de rua se tornaram uma das principais formas de lazer e socialização. Assim como os teatros, esses espaços eram responsáveis por grande parte da movimentação dos centros urbanos. Uma curiosidade é que era bastante comum que fossem construídos um ao lado do outro, e esses locais, onde havia uma grande quantidade de salas de cinema, eram chamados de Cinelândia.



Cinelândia no Rio de Janeiro (Reprodução: Rachel Jaccoud Amaro)

Segundo Martinez, o Boca do Lixo é um exemplo de Cinelândia localizada em São Paulo. Sua origem remonta às décadas de 1910 e 1920, caracterizando-se como uma região degradada e abandonada, marcada por uma desigualdade social latente. Entretanto, era uma área ocupada por diversos grupos marginalizados e que, graças à ascensão do movimento de contracultura, juntamente com o crescimento do cinema nacional, passou a atrair artistas e produtoras, tornando-se um polo de produções cinematográficas.



*Artistas sendo detidos no Boca de Lixo/SP, em 27 de janeiro de 1969
(Reprodução Arquivo Público do Estado de São Paulo)*

Esses polos eram muito utilizados para a produção dos chamados filmes marginais, um movimento que ocorreu do final da década de 1960 até meados da década de 1970. Esse movimento tinha como principal característica a produção de filmes experimentais e autorais. Além disso, era utilizado como forma de crítica à ditadura militar vigente na época.

De acordo com Giovanna, grandes ícones que moldaram a história desse gênero peculiar foram *Matou a Família e Foi ao Cinema* (1969), produção de Júlio Bressane (1946), além de obras associadas a Neville D'Almeida (1941) e Ozualdo Candeias (1922). A trama do filme era marcada por elementos insólitos, exagerados e estranhos, características comuns a outras produções

desse gênero. No início da narrativa, um jovem rapaz mata os próprios pais e, em seguida, vai ao cinema.



Ator Antero de Oliveira interpretando o assassino (Reprodução: IMDB)

Seus personagens eram, em sua maioria, anti-heróis, desestruturados, bandidos, drogados, prostitutas e outras figuras excluídas e abandonadas pela sociedade. As obras dialogavam com a vanguarda do teatro, das artes visuais e da MPB. O cantor Gilberto Gil compôs a trilha sonora de *Copacabana Mon Amour*, filme que conta a história de uma prostituta que sonha em se tornar cantora de rádio.

Por serem filmes que criticavam e retratavam a dura realidade do período da ditadura, principalmente após a decretação do Ato Institucional nº 5 (AI-5), cineastas e outros artistas eram frequentemente perseguidos. Além disso, os filmes precisavam passar pela censura. Entretanto, os realizadores encontravam

formas de exibição em locais alternativos e afastados da fiscalização do governo.

Giovanna afirma que havia uma boa convivência entre as Cinelândias e o Boca do Lixo, e que essa relação durou até a decadência dos cinemas, na década de 1970, causada pela chegada da televisão e do VHS. Além disso, com o aumento da população, as cidades cresceram e o público foi, aos poucos, se dispersando. O centro de São Paulo foi se esvaziando, e o comércio começou a migrar para outras regiões, como os shopping centers.

Apesar de São Paulo ter sido utilizado como exemplo, esse fenômeno se espalhou por grande parte do Brasil. Inclusive, está marcado na história da cidade de Goiânia, que atualmente abriga apenas dois cinemas independentes dos shopping centers. Um deles é o Cine Cultura, pertencente ao Estado, enquanto o Cine Ritz enfrenta grandes dificuldades, mas permanece como símbolo de resistência.

Assim como em São Paulo, Belo Horizonte e outras cidades brasileiras, os cinemas de rua em Goiânia refletem a história econômica, cultural e social da população como um todo. Sua trajetória é marcada por grandes transformações e acompanha as mudanças socioculturais da cidade. Trata-se de um elemento marcante e de grande valor histórico que, aos poucos, está sendo esquecido.

O jornalista Gustavo Soares, na reportagem *“Cinema goiano: entenda a trajetória das salas de rua e as perspectivas para o cinema local”*, afirma que os primeiros cinemas surgiram em meados da década de 1940, com a inauguração do Cine Santa Maria, localizado na Rua 24. É importante imaginar que esse polo cinematográfico se estabeleceu no que é considerado o coração da cidade. Além disso, o Santa Maria nasceu em um

momento de urbanização e modernização de Goiânia, um sinal de que uma nova fase da história cultural da capital estava prestes a começar.

Naquela época, quem percorresse a Avenida Anhanguera e chegasse à Rua 20 encontraria, logo na esquina, outro grande marco cultural de Goiânia. O Cine Goiás possuía uma arquitetura imponente, com uma entrada quadriculada e um letreiro exuberante. Contava com duas entradas e um balcão circular ao centro, onde eram vendidos os ingressos.



O Cine Goiás se tornou Danceteria Dama Xoc (Reprodução: José Marcodi, Leon Liberman, P.C. Scheiser e Zanella)

Lisandro Nogueira, professor de Cinema na Universidade Federal de Goiás (UFG) desde 1989, destaca, em entrevista ao *Jornal Opção* para a matéria “Cinema Goianiense: entenda a trajetória das salas e as perspectivas para o cinema local”, a relevância histórica do Cine Goiás. Segundo ele, o local representava o

auge da experiência cinematográfica vivida na década de 1970. E, mesmo após sua demolição, permanece vivo na memória dos goianienses.

Aproveitando o grande boom que ocorria tanto no setor teatral quanto no cinematográfico, Goiânia decidiu unir as duas artes em um só lugar. Para aqueles que eram apaixonados pela atuação, era um espaço ideal para passar o tempo. O Cine-Teatro Goiânia, como o próprio nome indica, exibia tanto filmes quanto apresentações teatrais.



Teatro Goiânia no ano de 1950, localizado na Av. Tocantins/c Anhanguera (Reprodução: Valter Lopes)

O jornalista Clenon Ferreira, em reportagem para *O Popular*, escreve que o auge do Cine-Teatro Goiânia ocorreu entre as décadas de 1950 e 1960. O espaço era considerado um dos prédios mais luxuosos da cidade. Dona Maria do Carmo, em entrevista

ao jornal, comenta o quanto as pessoas se arrumavam antes de frequentar o local. A portuguesa, que tinha 19 anos na época, conta como foi uma experiência maravilhosa frequentar o Cine-Teatro, algo que permanece vivo em sua memória.

“Todo mundo se arrumava, colocava a melhor roupa. Os homens só entravam de paletó. Lembro que ficávamos impressionados com os filmes na tela grande. Eu amava”, diz a senhora na reportagem *“Goiânia 89 anos: no escurinho do Cine-Teatro Goiânia”*, publicada em outubro de 2022.

Clenon menciona o quanto a arquitetura do Cine-Teatro Goiânia era considerada uma obra-prima. Com seu estilo art déco, foi um dos primeiros polos de entretenimento da cidade. Cláudia Martins, moradora de Goiânia, frequentadora do Cine Ritz e filha de uma goianiense, diz que sua mãe recorda vagamente dessa história. Segundo ela, ouviu relatos de que o cinema tinha um aspecto luxuoso e que o público escolhia suas melhores roupas para frequentá-lo.

“Minha mãe contou que passava por lá quando era menina, mas nunca chegou a entrar. Era um espaço cheio, que unia o povo goianiense. Depois de um tempo, a parte do cinema foi fechada. Não sei dizer o porquê”, conta Cláudia Martins.

Cláudia comenta que sua cunhada sequer sabia da existência do Cine-Teatro Goiânia. Isso levanta uma reflexão: trata-se de um aspecto pouco conhecido da história da cidade. A história goianiense, como um todo, precisa de mais atenção.

“Eu acho triste esse descaso com a nossa história. Acho que o goianiense deveria buscar mais conhecimento e estudar sobre essas coisas.”

O local deixou de funcionar como cinema após passar por diversas reformas na década de 1970, especialmente em 1978. A partir de então, passou a se dedicar exclusivamente às apresen-

tações teatrais. O espaço ainda existe e, atualmente, é conhecido como Teatro Goiânia, permanecendo localizado na Praça Cívica.

Gustavo Soares, em reportagem para o *Jornal Opção*, menciona que, a partir desses três cinemas citados, entre as décadas de 1950 e 1970, Goiânia foi preenchida por diversos cinemas de rua espalhados pelo centro da cidade. Entre eles estava o Cine Casablanca, localizado na Rua 8, conhecida como Rua do Lazer. Inaugurado no final da década de 1950, durante muitos anos exigia traje formal para seus frequentadores, como paletó e gravata. Além das sessões noturnas, voltadas para filmes mais pesados e impróprios para menores, o cinema também exibia produções leves pela manhã, conhecidas como sessões matinê.

Outros exemplos que surgiram nessa época incluem o Cine Astor, localizado no cruzamento da Rua 9 com a Rua 3; o Cine Capri, na Avenida Anhanguera, próximo ao cruzamento com a Rua Tocantins; e o Cine Frida, sobre o qual há poucas informações. Todos foram importantes para o entretenimento da população goianiense.

Esse foi um período em que a população pôde desfrutar de grandes obras nacionais e internacionais. Como mencionado anteriormente, o cinema era um dos principais meios de lazer e encontro social da cidade.

“A importância do cinema, no sentido cultural, está na luta e na história daquele lugar. Quando falamos de um cinema de rua, falamos de toda uma história que foi construída ali.” Essas são as palavras do cineasta Vinícius Lopes, citado no início desta reportagem, ao relembrar a importância cultural que esses centros artísticos representam.

Atualmente, os cinemas que ainda permanecem atraem públicos específicos. Normalmente, pessoas em busca de ingressos mais acessíveis, amantes de filmes nacionais e espectadores

que valorizam a cultura. Vinícius Lopes fala um pouco sobre o público que ainda se interessa em aproveitar um bom filme nesses lugares.

“Então, a grande diferença em relação a um cinema de shopping é que você vai encontrar, ali, uma galera que vai assistir ao filme da Marvel que acabou de lançar. Enquanto isso, na grande maioria dos cinemas de rua aqui do Rio de Janeiro, você não encontra esse público de filmes superfaturados. O público que vai para lá é mais cult, mais artístico mesmo.”

Os cinemas de rua costumam transmitir filmes voltados para nichos menores, como curtas-metragens nacionais, produções mais antigas e obras que não recebem divulgação para um público amplo. A cidade de Goiânia conta com um cinema desse perfil, chamado Cine Cultura.

“Vamos ali ver o festival de cenas curtas, um festival de curta-metragem. Então, essa é a grande diferença que eu vejo aqui.”

Entretanto, há também aqueles que exibem os mesmos tipos de filmes que atraem o público dos shopping centers. Heitor Vilela é morador do Centro de Goiânia e frequentador assíduo do Cine Ritz. Ele explica que sua primeira experiência em um cinema de rua ocorreu por causa do preço mais acessível.

“Eu lembro que fui com meu pai assistir a um dos filmes da franquia *Star Wars*. Meu pai me levou para lá porque era mais barato. Eu fiquei com medo, pois o Centro era mais escuro e parecia mais perigoso, mas foi uma experiência legal.”

Heitor também explica que toda a aparelhagem, em comparação aos cinemas multiplex, era inferior. No entanto, isso não apaga as relações pessoais e familiares que aquele pequeno estabelecimento proporciona. As pessoas conversam sobre os filmes assistidos, seus nomes e rostos são memorizados. Quase sempre são as mesmas pessoas, os mesmos odores, os mesmos

sabores e a mesma sensação de tranquilidade em torno daquele pequeno espaço cultural.

Pessoas caminham pelas ruas, todas focadas em suas ocupações, mas nada desperta mais a curiosidade do que observar um cartaz anunciando a estreia daquela famosa franquia sobre dinossauros vivendo em tempos contemporâneos. Às vezes, cansadas do passeio, entram e aproveitam para se divertir.

Crônica - Luzes do Centro

Dona Jurema, senhora na casa dos 70 anos, cresceu em uma família humilde no interior do estado de Goiás. Mulher batalhadora, precisou trabalhar desde cedo na roça e ajudar nos afazeres domésticos de sua família, até se casar e começar a dedicar sua vida ao marido, como era esperado de muitas mulheres de sua geração.

Mãe de cinco filhos, precisou sacrificar seus momentos de lazer e dedicar grande parte da vida aos pequenos, até que alcançassem a fase adulta. Vivendo em uma casa simples, os sete moradores precisavam se acomodar e se contentar com o que o único salário da família podia sustentar.

Dona Jurema, uma mulher batalhadora e de poucas condições financeiras, não tinha tempo para o lazer. Toda a sua vida era voltada para cuidar da casa e da família. Agora, já idosa, seus filhos cresceram e seguiram seus próprios caminhos, seu casamento permanece mais por conveniência do que por afeto, e ela sente um pouco de solidão.

Às vezes, para ocupar o tempo, gostava de passear pelo Centro de Goiânia. Pegava o ônibus que a levava até o Terminal

de Aparecida de Goiânia para embarcar no Eixo que conecta os terminais Cruzeiro e Veiga Jardim. O coletivo seguia pela Avenida Goiás até chegar ao Centro da cidade, onde se encontram diversas lojas e opções de lazer.

O Centro é um local histórico, com uma arquitetura art déco preservada desde a década de 1930, período em que Goiânia foi fundada. O local é repleto de pequenas lojas, pois concentra grande parte da atividade comercial da cidade. Além disso, há uma variedade de bares resistentes ao tempo. Após anos de abandono e da ausência de políticas públicas efetivas, a região histórica da capital esteve sob risco de desaparecer.

Atualmente, com a implantação de novas políticas públicas, o Centro volta a crescer. Dona Jurema caminha pela cidade e observa as pessoas passeando. Andarilhos surgem nos becos, enquanto muros cobertos de grafites exibem a arte local. O Centro é um espaço de cultura que preserva a memória afetiva e os costumes populares goianos.

A idosa caminhava pelas ruas observando vitrines. Gostava de socializar com outras pessoas e conversar para passar o tempo. Enquanto atravessava a Rua do Lazer, com sua calçada de pedra, repleta de quiosques e lojas diversas, Dona Jurema cruzou a Avenida Anhanguera, principal via da cidade. Passou pela faixa de pedestres e chegou a uma pequena rua logo à frente.

A Rua 8 estava moderadamente movimentada. Os bares ainda permaneciam fechados, aguardando o anoitecer. Algumas pessoas paravam diante de um pequeno prédio para observar um catálogo exposto na entrada. Curiosa, Dona Jurema decidiu se aproximar e descobrir o que havia naquele lugar que despertava tanto interesse.

Foi então que se encantou ao descobrir que ali funcionava um cinema. O espaço era confortável e dividido em duas salas, uma

à direita e outra à esquerda. No centro, encontrava-se o balcão onde eram vendidos os ingressos.

Dona Jurema nunca havia ido ao cinema. Por causa de sua trajetória de vida, jamais tivera a oportunidade de desfrutar desse tipo de lazer. Ir ao cinema estava distante de sua realidade, seja pelo tempo, pela distância ou pelas limitações financeiras. Mesmo há 30 ou 40 anos, quando Goiânia possuía mais salas independentes, ela nunca encontrou uma oportunidade para viver essa experiência.

Naquele dia seria diferente. Seria sua primeira vez em uma sala de projeção. Os cinemas localizados em shopping centers eram caros demais e incompatíveis com sua realidade. Aproveitando a tarde livre, comprou um ingresso para assistir a uma animação que estava em destaque, sobre uma cabra jogadora de futebol americano.

A senhora entrou na sala e se encantou com o universo que a aguardava. O ambiente permanecia iluminado para facilitar a locomoção do público e a localização dos assentos. Dona Jurema desceu cuidadosamente os degraus, observando a quantidade de cadeiras espalhadas pelo espaço. Conforme avançava, maravilhava-se com a enorme tela branca posicionada ao fundo da sala.

Ela sabia que os cinemas possuíam telas grandes para permitir que todos assistissem ao filme, mas nunca imaginou vê-las tão de perto. A visão despertava uma mistura de ansiedade e entusiasmo, afinal, estava prestes a assistir a um filme pela primeira vez.

As luzes se apagaram e a grande tela ganhou vida, preenchida por cores, sons e movimentos. O filme estava prestes a começar. O áudio era mais intenso e envolvente do que o de uma televisão comum. Explosões e efeitos sonoros surpreendiam os mais

desavisados, enquanto as imagens transmitiam a sensação de estar dentro da história.

O pequeno cinema, apesar de não possuir o tamanho dos grandes complexos instalados em shopping centers, oferecia excelente qualidade de som e imagem. Mais do que isso, havia uma sensação de proximidade entre o público e as pessoas que trabalhavam ali. Dona Jurema encantou-se com a experiência e decidiu que voltaria muitas outras vezes.

Capítulo: 4 - A permanência dos cinemas de rua na capital goiana

Nos dias atuais, o Brasil apresenta um número expressivo de shopping centers espalhados por todo o território nacional. De acordo com o levantamento realizado pela Abrasce (Associação Brasileira de Shopping Centers) referente ao período de 2023/2024, o país possui um total de 639 estabelecimentos em funcionamento. Segundo os dados, cerca de 50,7% deles estão localizados na Região Sudeste, com São Paulo liderando o ranking.

Considerado a locomotiva econômica do Brasil, o estado de São Paulo ocupa o topo da lista, com 193 estabelecimentos registrados, representando aproximadamente 30,2% do total nacional. O segundo lugar é ocupado pelo Rio de Janeiro, com 71 shopping centers, o equivalente a cerca de 11,1%. Em terceiro lugar está Minas Gerais, com 48 estabelecimentos registrados.



*Shopping Cidade São Paulo, localizada na Avenida Paulista
(Reprodução: G1 São Paulo)*

Goiás não fica de fora da lista. A capital do Cerrado ocupa atualmente o sexto lugar, com um total de 32 shopping centers. Desse número, 19 estão localizados na Região Metropolitana de Goiânia. Entre eles estão o Shopping Flamboyant, Shopping Cerrado, Araguaia Shopping, Passeio das Águas Shopping, Portal Shopping e Estação Goiânia, entre outros.

A quantidade de centros de compras surgindo no país influenciou a migração da população para esses espaços. Segundo a Abrasce, cerca de 462 milhões de pessoas frequentam shopping centers regularmente. Foram registradas aproximadamente 121 mil lojas e mais de 3 mil salas de cinema. Ou seja, há mais oportunidades para o público frequentar os cinemas concentrados nesses empreendimentos.

A Ancine (Agência Nacional do Cinema) divulgou dados preliminares indicando que cerca de 81,9 milhões de pessoas compareceram às salas de cinema até agosto de 2025, sendo a

maior parte desse público concentrada nos cinemas de shopping. A agência também registrou que entre 88% e 90% das salas de cinema do Brasil estão localizadas em centros comerciais. Enquanto isso, os cinemas de rua somam apenas 423 salas em funcionamento, mesmo com o recorde de 3.554 salas registrado no ano anterior.

A cidade de Goiânia, atualmente, tem em torno de 40 salas de cinemas multiplex instalados nos principais shopping centers, com cinco redes operando na região. Entre elas estão Cinemark, Kinoplex, Cinépolis, Lumière e Moviecom. Em contrapartida, o município possui apenas dois cinemas de rua: o Cine Cultura, mantido pelo Estado, que exhibe filmes nacionais e clássicos; e o Cine Ritz, um cinema independente que trabalha com a mesma categoria de filmes encontrada nos cinemas multiplex.

O Cine Ritz, nos dias atuais, é considerado por seus frequentadores — especialmente aqueles que valorizam a arte e a cultura — um símbolo de resistência cultural para a cidade. Mesmo enfrentando obstáculos e constantes riscos de encerramento das atividades, o espaço permanece vivo, oferecendo qualidade em seus serviços e preços acessíveis para a população de menor poder aquisitivo. Além disso, continua sendo um importante ponto de encontro para pessoas que valorizam e apreciam a cultura.

O jornalista Heitor Vilela é morador da região central de Goiânia, e frequentador do cine Ritz. O homem era dono do bar Liberté, que infelizmente, fechou suas portas em janeiro de 2026. Heitor comenta, em entrevista, suas experiências em frequentar o Cine Ritz, além de gerenciar um bar próximo a Rua 8.

“O Cine Ritz é o que formou a Rua 8, essa nova fase dela, eu era dono de um bar, ali no Centro, a Liberté, e era comum pessoas

saírem do cinema e irem direto pra lá. Quando passa filmes nacionais, a Rua 8 enche.”



Entrada do Cine Ritz (Reprodução: Lara Zolet)

Heitor comenta que se o cinema fechasse suas portas, seria uma perda para a arte goiana. Pois, qualquer centro cultural ser extinto é um vazio deixado para trás, uma mágoa, uma perda, e um caminho sem volta.

“A gente segue em frente, mas qualquer lugar, ou local que tem um peso histórico, peso social, como um cinema tem seu fim se fecha. Deixa um vazio, deixa um vazio. São pessoas que trabalham lá perdendo seus empregos e relações sendo cortadas”

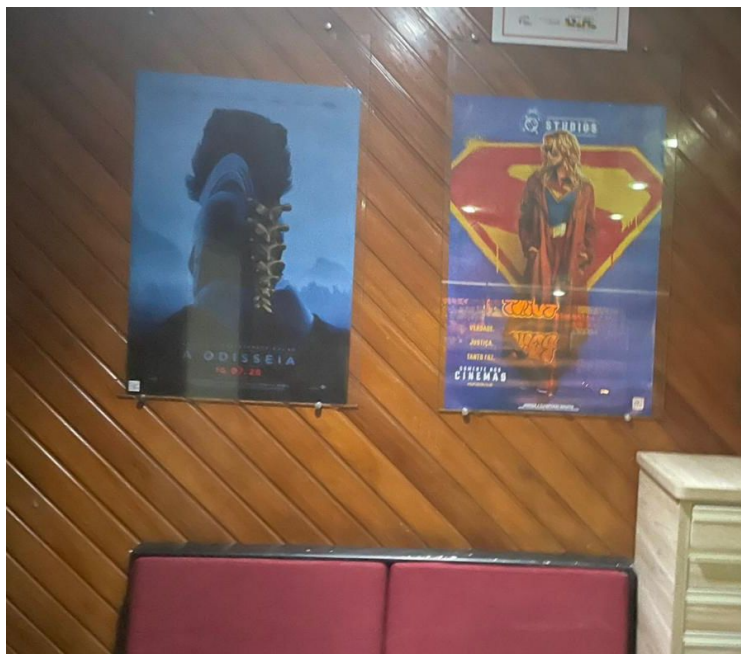
Capítulo 5 - O último resquício de cultura audiovisual

O Cine Ritz foi inaugurado em 1991, logo no início da década e, ironicamente, pouco antes do declínio dos cinemas de rua. Sua trajetória é marcada pela resistência ao tempo e pelo constante embate contra a expansão dos cinemas instalados em shopping centers. Localizado na Rua 8, destaca-se por ser o último cinema de rua com programação comercial da cidade.

No ano de 2026, o espaço completa 35 anos de existência, levando entretenimento e lazer ao povo goianiense. Ao longo de sua trajetória, o local esteve sob os cuidados de três diferentes proprietários, sendo que os atuais assumiram a administração em 1996. Atualmente, o cinema pertence à empresa E.D.S. Exibições Cinematográficas Ltda., tendo Edson Randal Zanini de Brito como sócio-administrador.

O local é conhecido como um dos cinemas mais populares da região desde sua inauguração, principalmente por oferecer ingressos acessíveis e uma programação voltada ao grande público. Nos dias atuais, enquanto os ingressos em cinemas multiplex podem chegar a R\$ 50,00, a entrada inteira no Cine

Ritz custa R\$ 24,00 em dias normais. Para estudantes e demais beneficiários da meia-entrada, o valor é reduzido à metade do preço.



Cartazs de estreia dos filmes do Cine Ritz (Reprodução: Lara Zolet)

Maria Carolina Goos, jornalista e professora universitária da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás), reflete, em entrevista, sobre as diferenças entre frequentar o Cine Ritz e um cinema de shopping.

“Eu frequento o shopping, é muito importante dizer isso. É um lugar que nos dá facilidade. Entretanto, quando eu entro no Cine Ritz ou no Cine Cultura — eu frequento ambos os cinemas —, acho que são ambientes mais pessoais. Às vezes, considero o shopping muito impessoal. Muda muito os funcionários. Por exemplo, fui ao Cine Ritz no sábado com a minha filha e fiquei conversando com a bilheteira.”

Carol diz que já criou vínculos no local, inclusive com a pessoa responsável pela pipoca.

“A gente conversa, eu converso com a bilheteira. Eu crio um clima familiar, agradável e afetuoso. Lamentavelmente, no cinema de shopping isso não existe. É muito difícil encontrar o mesmo funcionário. Acho que as pessoas se candidatam para trabalhar lá, mas não necessariamente são encantadas pelo cinema.”

As promoções são um dos diferenciais do estabelecimento. O local segue um calendário com dias especiais e valores mais acessíveis para a população de Goiânia. Aos domingos, por exemplo, acontece a Sessão Pipoca Especial, em que todos os ingressos são vendidos pela metade do preço, e o cliente ainda recebe um saquinho de pipoca gratuitamente.

As Sessões da Manhã/Especiais também incluem pipoca gratuita, ao valor de R\$ 13,00, e ocorrem semanalmente às segundas e quartas-feiras. Daí surgem os nomes das promoções: Segunda Maluca e Quarta Maluca. Outro elemento que contribui para a redução dos custos é o benefício oferecido aos portadores da carteirinha do Sesc, que pagam metade do valor do ingresso.

Apesar da grande evasão de público, o cinema continua sobrevivendo e segue como um dos destaques do Centro de Goiânia. Enquanto caminham pela cidade, muitas pessoas param o que estão fazendo para observar os filmes em cartaz. Nesse sentido,

podem decidir se continuarão seu trajeto ou se aproveitarão o momento para descansar enquanto assistem a um filme.

Os horários de maior movimento costumam ser à noite, nos fins de semana e feriados, especialmente quando há um filme de grande destaque em exibição. Um exemplo foi *Ainda Estou Aqui*, estrelado por Fernanda Torres e vencedor do Oscar de Melhor Filme Internacional em 2025. Naquele período, era comum a formação de filas, principalmente nos horários mais concorridos.

Além disso, existe uma preferência de determinados públicos pelo Cine Ritz devido ao seu preço acessível, que auxilia no processo de economia para muitas famílias. Somam-se a isso as memórias afetivas e a localização privilegiada no Centro. É comum encontrar frequentadores interessados em cultura e que apreciam a atmosfera da região. Um grupo, ainda que minoritário, aproveita a ida ao cinema para passar o restante da tarde ou da noite no local.

Gislene Silva de Jesus conheceu o Cine Ritz por meio de alguns colegas de trabalho. Segundo ela, quando era mais jovem, passava pelo local após o expediente quando seus amigos sugeriram assistir ao filme *A Lagoa Azul*.

“Eu nunca tinha ido a um shopping antes. Eles eram muito caros e, naquela época, eu não tinha condições.”

Gislene conta como foi sua experiência.

“Eu achei divertido. Como eu disse, nunca tinha ido a nenhum cinema antes, então viver aquela primeira experiência foi muito bom.”

Ela também relembra que retornou ao local anos depois, acompanhada da filha, Gabriele Sabino, ainda criança.

“Eu não lembro qual era o filme, mas era um evento da escola da Gabi. Lembro que ela ficou muito feliz. Foi a primeira

experiência dela também.”

Ao observar o local, percebe-se que muitas pessoas que caminham pelo Centro costumam parar para perguntar o valor dos ingressos. A sensação de familiaridade e acolhimento atrai famílias inteiras. Crianças cansadas das compras dos pais encontram nos cartazes coloridos uma alternativa mais interessante do que continuar andando pelas ruas. Muitas saem felizes das sessões e passam a comentar, de forma animada, sobre a experiência com os funcionários do cinema.

Além disso, segundo Heitor Vilela, entrevistado mencionado anteriormente, o cinema operou durante muitos anos com equipamentos inferiores aos dos grandes complexos. Após uma reforma realizada com apoio do Sesc, o espaço passou por uma significativa modernização. Hoje, o Cine Ritz oferece sessões com boa qualidade de imagem e som.



Placa indicando parceria com o Sesc, no ano de 2022 (Reprodução: Lara Zolet)

No entanto, mesmo oferecendo diversos pontos positivos, a localização não favorece a atração de clientes. Atualmente, as regiões centrais das cidades enfrentam um intenso processo de esvaziamento. Segundo a Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas (CNDL), 71% dos brasileiros realizam suas compras de forma on-line. Esse fenômeno reduz a necessidade de deslocamento até lojas físicas.

Lembra-se do crescimento das cidades e do afastamento da população das áreas centrais? Pois bem, hoje, quem mora longe do centro pode adquirir praticamente qualquer produto por meio de um aparelho que cabe na palma da mão. O pedido é feito sem sair de casa, sem gastar tempo, combustível ou dinheiro com transporte para comprar uma blusa ou até mesmo simples miçangas para bordado.

Entretanto, nem todos os efeitos dessa mudança de comportamento são positivos. O avanço das compras on-line foi um dos fatores que contribuíram para o esvaziamento dos centros urbanos. Como em um efeito dominó, esse processo afeta os comércios que ainda sobrevivem nessas regiões. Os altos custos de manutenção e a carga tributária elevada levam muitos comerciantes a desistirem de permanecer nesses locais. Em Goiás, segundo o Sindilojas-GO, cerca de 40% das lojas estão fechadas ou desocupadas.

O cineasta Kleber Mendonça Filho faz uma reflexão semelhante em seu documentário *Retratos Fantasmas*. É intrigante pensar que existem jovens que nunca visitaram o centro de sua própria cidade, sendo que, em outras épocas, frequentar esses espaços fazia parte da rotina da população. Ao retratar a situação do Centro de Recife, Kleber mostra um cenário marcado pelo abandono. Entre os poucos que ainda circulam pela região estão moradores de rua, trabalhadores e pessoas ligadas a movimentos culturais e manifestações artísticas.

É inegável que uma parte importante da nossa história está desaparecendo, e isso levanta um questionamento inevitável: como iremos reagir a esse processo? Muitos cinemas populares estão localizados justamente nessas áreas centrais e sofrem diretamente os impactos do esvaziamento urbano.

O Cine Ritz atravessou diversas crises ao longo de sua tra-

jetória e, em vários momentos, esteve ameaçado de encerrar suas atividades. A dificuldade de estacionamento é um dos fatores que prejudicam o cinema, principalmente em uma época em que grande parte da população utiliza automóveis próprios. Soma-se a isso a sensação de insegurança, já que o Centro ainda enfrenta problemas relacionados ao abandono e à falta de investimentos públicos. O próprio cinema já foi alvo de atos de vandalismo.

São fatores que alimentam um ciclo que parece não ter fim.

Capítulo 6 - Anos de desespero

Segundo o Ministério da Saúde, a Covid-19 é uma doença causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, que provoca uma infecção respiratória grave e apresenta alta capacidade de transmissão. A doença foi identificada após a análise de amostras de pacientes diagnosticados com pneumonia na cidade de Wuhan, na China. Os primeiros casos foram registrados em dezembro de 2019 e, desde então, o mundo entrou em estado de alerta.

A gravidade da doença, somada à sua fácil transmissão, causou uma pandemia que obrigou cidades inteiras a interromperem suas atividades e levou a população a permanecer dentro de casa. O que começou como uma previsão de isolamento de 15 dias transformou-se em uma longa quarentena, cujo fim só foi declarado anos após o reconhecimento oficial da pandemia.

Esse período histórico causou grande comoção e profundas mudanças na sociedade. Seu encerramento só foi possível graças à distribuição das vacinas. Antes disso, a doença foi responsável por milhões de mortes em todo o mundo. Segundo o Ministério da Saúde, somente no Brasil foram registrados mais de 39 milhões de casos confirmados, resultando em mais de 700 mil

óbitos. O pico de mortes ocorreu em 2021, quando mais de 424 mil pessoas perderam a vida em decorrência da doença.

Esse momento de crise pegou o mundo inteiro desprevenido e obrigou inúmeros estabelecimentos a fecharem suas portas. Com o Cine Ritz não foi diferente.

Quando a pandemia se espalhou, o cinema já estava sob nova administração. Frederico Machado estava à frente do local desde 2018. Natural do Maranhão, o cineasta também é responsável pela rede Cine Lume, localizada na cidade de São Luís (MA).

Em reportagem para o jornal *O Popular*, intitulada “*Fechado há dez meses, único cinema de rua de Goiânia pede socorro*”, o jornalista Clenon Ferreira relata que, mesmo antes da pandemia, o Cine Ritz já enfrentava dificuldades financeiras. Com a chegada da crise sanitária, assim como ocorreu com diversos outros estabelecimentos, o cinema foi obrigado a interromper suas atividades e permanecer fechado durante a quarentena. Com isso, suas reservas financeiras foram se esgotando, levando os responsáveis a organizarem uma vaquinha on-line como forma de arrecadar recursos e evitar o fechamento definitivo.

“A vaquinha é uma forma de ajudar o cinema mais antigo em atividade da cidade, o único de rua. São prejuízos acumulados durante quase um ano de paralisação, entre aluguel, IPTU, taxas de manutenção e luz”, afirmou Frederico na entrevista concedida para a reportagem.



Cine Ritz interditado em época de pandemia da Covid 19
(Reprodução: Diomício Gomes)

O pedido de ajuda foi lançado em janeiro de 2021 e não possuía um valor máximo de arrecadação, estando aberto para contribuições de qualquer parte do país. Segundo a reportagem, o objetivo era arrecadar R\$ 70 mil para evitar a falência. Frederico explicou que, somando despesas com equipamentos, funcionários, aluguel e manutenção, o custo mensal do Cine Ritz gira em torno de R\$ 40 mil.

“A nossa proposta era aliar sessões comerciais e cinema autoral, mas veio a pandemia e precisamos paralisar todos os nossos projetos. Sem saber quando retornaremos às atividades, o jeito foi pedir socorro àqueles que têm algum afeto pelo local.”

A ansiedade, o receio e a falta de informações dominavam a população durante a pandemia. A quarentena era um período de incertezas e, até a chegada das vacinas, o isolamento social

era uma medida amplamente adotada para conter a propagação do vírus. Naturalmente, esse cenário contribuiu para a crise de diversos setores econômicos, especialmente aqueles ligados ao entretenimento.

O Cine Ritz faz parte dessa história. Embora outras cidades da região metropolitana de Goiânia já estivessem flexibilizando as restrições e permitindo a reabertura dos cinemas, a capital ainda não tinha previsão para o retorno das atividades do setor.

Capítulo 7 - A Cultura ainda vive

Mesmo após os desafios impostos pela pandemia, o cinema continua funcionando normalmente nos dias atuais. Suas promoções permanecem ativas, e filmes de grande sucesso continuam sendo exibidos nas telas do Ritz sem maiores dificuldades. Apesar disso, o local ainda precisa lidar com alguns obstáculos. O abandono da região central continua sendo um problema, assim como a concorrência com os cinemas multiplex instalados em shopping centers.

Entretanto, mesmo diante de todas essas dificuldades, o cinema segue resistindo. Continua levando a magia da ficção ao público, especialmente àqueles que buscam economizar ou que não possuem condições de frequentar os cinemas multiplex. Além disso, representa um importante símbolo da história de Goiânia, preservando, mesmo após diversas reformas, características arquitetônicas e estéticas que remetem à década de 1990.



Cine Ritz segue resistindo mesmo depois de todos obstáculos que passou. (Reprodução: Lara Zolet)

Como vimos no capítulo anterior, o Cine Ritz esteve em risco de fechar as portas devido à crise provocada pela pandemia. Entretanto, Clenon Ferreira, na matéria “Cine Ritz ganha nova fachada e se prepara para novas mudanças”, afirma que, como forma de superar essa situação, o Serviço Social do Comércio de Goiás (Sesc-GO) firmou uma parceria com o cinema em fevereiro de 2024. Frederico Machado, diretor do Cine Lume, também compartilhou ao jornal O Popular, na reportagem “Fechado há dez meses, único cinema de rua de Goiânia pede socorro”, que o

centro cultural foi beneficiado pela Lei Paulo Gustavo.

De acordo com a Secretaria de Comunicação Social, por meio da plataforma Gov.br, a Lei Paulo Gustavo (Lei Complementar nº 195/2022) tem como objetivo apoiar artistas e setores culturais por meio da destinação de R\$ 3,86 bilhões, como forma de compensar os impactos causados pela pandemia no setor cultural. Administrada pelo Ministério da Cultura, sua regulamentação foi concluída em dezembro de 2023, permitindo a distribuição dos recursos em todo o território nacional.

Clenon afirma, na reportagem “Cine Ritz ganha nova fachada e se prepara para novas mudanças”, publicada pelo jornal O Popular, que, com o apoio do governo e a parceria com o Sesc, o cinema conseguiu se manter ativo até os dias atuais. Com uma nova fachada, mas preservando características visuais que remetem à estética dos anos 1990, o espaço continua levando entretenimento e cultura para a população. O principal objetivo dessa parceria é fortalecer a cultura em Goiás, além de contribuir para a valorização dos comércios e da região central da cidade.

“O Centro precisa de impulso tanto do poder público quanto do privado. Continuaremos trabalhando por essa região tão importante da nossa capital”, afirmou Marcelo Baiocchi, presidente da Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Estado de Goiás (Fecomércio-GO), em entrevista para a reportagem de O Popular.

Nesse sentido, é frustrante perceber como um local tão acessível, tão visível e tão rico em história possui tão poucas informações registradas sobre sua trajetória. Os cinemas de rua, de maneira geral, acabam sendo esquecidos pela sociedade brasileira e, muitas vezes, não recebem o reconhecimento que merecem.

Preservar esses espaços é preservar a nossa própria história.

Mais do que simples locais de exibição de filmes, eles representam memórias, encontros, experiências e transformações culturais que ajudaram a construir a identidade de diversas cidades brasileiras. Manter esses centros culturais vivos é uma forma de garantir que as futuras gerações também tenham acesso a esse patrimônio e compreendam a importância que ele teve — e ainda tem — para a cultura do país.

Crônica - Nostalgia pelas telas

O amor pela arte é algo que adquirimos com o passar dos anos. É uma fagulha que se acende e dificilmente se apaga. Quando somos influenciados desde jovens a seguir esse caminho, essa paixão se torna mais intensa e profunda, a ponto de ser vista como algo familiar. Por esse motivo, quando percebemos que essa forma de expressão pode acabar, sofremos e vivemos um luto antecipado.

O sociólogo Flávio Munhoz Sofiati começou a frequentar cinemas de rua ainda na juventude. Na cidade onde morava, Jundiaí, no interior de São Paulo, havia duas opções de cinema: o Ipiranga 1 e o Ipiranga 2. Foi durante a infância que nasceu seu apreço por esses centros culturais, sentimento que só cresceu com o passar dos anos.

Nos cinemas de sua cidade, eram realizadas sessões especiais no Dia das Crianças, voltadas para a exibição de filmes infantis. Produções como He-Man e os filmes da Xuxa atraíam a garotada e lotavam as portas dos estabelecimentos, formando enormes filas e longos períodos de espera.

Durante a adolescência, Flávio aproveitava as tardes para

assistir aos lançamentos. Todas as sextas-feiras, pegava um ônibus em direção ao centro da cidade para acompanhar a sessão das 14h20. Era uma experiência marcante, que ficou guardada em sua memória e ajudou a construir a nostalgia que sente até hoje por esses espaços.

Quando se mudou para Goiânia, há cerca de 16 anos, passou a frequentar os dois cinemas de rua da cidade. Mesmo reconhecendo que, durante muito tempo, a estrutura técnica desses locais era inferior à dos cinemas multiplex, ele acredita que o ambiente acolhedor e a proximidade com os funcionários compensavam qualquer limitação tecnológica. Para ele, o tratamento mais humano encontrado nesses espaços contrasta com a impessoalidade característica dos cinemas instalados em shopping centers.

Para Flávio, qualquer ameaça ao funcionamento de um cinema de rua é motivo de preocupação. Quando um desses espaços fecha as portas, não desaparece apenas um prédio. Vão embora memórias, encontros, histórias e experiências compartilhadas por diferentes gerações. É o encerramento de ciclos e a interrupção de novas possibilidades. Uma perda que atinge toda a sociedade.

A pandemia da Covid-19 foi um período de grande tristeza e ansiedade para o mundo inteiro. A facilidade de transmissão do vírus e sua gravidade provocaram consequências profundas na vida das pessoas. O isolamento social tornou-se necessário e obrigou a população a permanecer em casa durante meses. Muitos estabelecimentos não conseguiram sobreviver à queda do movimento e acabaram fechando as portas. O Cine Ritz também enfrentou esse pesadelo.

“Desamparado, porque eu sempre morei em cidades com cinema de rua.” Foi assim que Flávio descreveu o sentimento

que teve diante da possibilidade de o Cine Ritz encerrar suas atividades definitivamente. Durante a pandemia, qualquer ameaça ao funcionamento do cinema causava apreensão. A falta de estacionamento, os episódios de vandalismo e as dificuldades financeiras sempre representaram riscos para a continuidade do espaço. Por isso, saber que o cinema permanece em atividade até hoje é motivo de alívio e alegria.

Os cinemas de rua carregam histórias que vão muito além dos filmes exibidos em suas telas. Eles fazem parte da identidade das cidades, movimentam as regiões centrais e mantêm viva uma cultura que resiste à correria e à impessoalidade dos grandes centros comerciais. Cada cartaz pendurado, cada ingresso vendido e cada sessão lotada representam uma demonstração de resistência.

Mais do que locais de exibição, os cinemas de rua são espaços de convivência, memória e pertencimento. Enquanto houver pessoas dispostas a frequentá-los, defendê-los e preservar sua história, eles continuarão cumprindo seu papel de aproximar indivíduos, despertar emoções e manter viva uma importante parte da cultura brasileira.

Crônica - Chegando ao centro

Debaixo do sol escaldante, as pessoas esperam o ônibus passar. Alguns estão com uma mochila pendurada na frente do corpo, uma estratégia muito usada pelos experientes com medo de terem seus objetos furtados por algum vagabundo desconhecido; outros estão em frente às telas de seus aparelhos telefônicos. Às vezes, o tédio de ter que esperar o automóvel passar é tão entediante que supera o medo de perder seu aparelho caro, que provavelmente foi parcelado em cinco vezes.

Uma jovem de 19 anos, cabelos caheados e castanhos, pele clara estatura média espera no local existem duas senhoras conversando também, ou melhor, fofocando; o ato da fofoca foi uma experiência criada pelos seres humanos no início da humanidade. Há teorias de que, desde que o primeiro homem e a primeira mulher pisaram no Planeta Terra, eles já se encontraram para fuxicar sobre como outros animais se adaptaram à natureza; sobre como os felinos são seres solitários, que usam de seus corpos esguios para moverem-se sorrateiramente e caçar suas presas, ao contrário dos caninos, que são seres que andam em grupos e capturam seu alimento de modo bem bruto.

Voltando às senhoras, elas conversam sobre como andam suas vidas familiares. A senhora de camiseta rosa, florida, um coque e uns óculos comenta sobre o ódio sem sentido que sente pela nora.

Aparentemente, essa mulher desconhecida não tem o mínimo respeito por seu marido/namorado — não foi especificado. De acordo com essa senhora, essa mulher horrível não servia seu filho na hora do almoço nem lavava a casa todos os dias, mesmo que ela trabalhasse o dia inteiro de faxineira em um atacadão; a conversa era um prato cheio de falas machistas e antigas que faziam qualquer um revirar os olhos.

A outra senhora concordou e começou a reclamar o quanto essa nova geração estava mudando para pior, o quanto as mulheres não queriam mais ser donas de seus lares, terem a honra de casar e ser mães, o quanto elas estavam mais promíscuas e querendo estar com vários homens ao mesmo tempo... blá, blá, blá... Elas não irão falar nada sobre o outro gênero? Enfim.

O alívio toma conta daqueles que não aguentavam mais esperar. O ônibus verde estaciona na frente do ponto e abre sua porta da frente. Todos que estavam esperando adentram no veículo na esperança de achar um lugar para sentar. Era fim de semana, o que aumentou ainda mais a confiança dos passageiros de que iriam passar por essa viagem lenta e com muitas paradas sem sofrerem com suas pernas doloridas.

O Centro de Goiânia é um lugar engraçado. Com prédios abandonados e caindo aos pedaços, onde se encontravam antigas lojas, hoje é um monte de cimento e tijolos destruídos pelo tempo e pela falta de uso, além das pichações feitas por algum vagabundo que passeia pelas ruas da cidade na madrugada.

Atravessando esse lugar de dentro de um eixão — uma espécie

de ônibus comprido, azul, com mais espaços e responsável por transportar passageiros por caminhos mais longos do que os tradicionais —, você repara no quanto o Centro parece não ter mais tanta importância como há 20 anos, quando as pessoas, para conseguir obter um produto ou realizar uma tarefa, precisavam sair do conforto de seu lar e se dirigir até lá.

Atualmente, graças ao aparelho telefônico móvel, que chamamos de celular, as pessoas podem ter tudo o que desejarem do lugar onde estiverem, com um clique. O que contribuiu para o esvaziamento do Centro.

Entretanto, apesar de causar emoções negativas — tristeza por ver um lugar tão importante se esvaindo aos poucos; em notar que vendedores e microempresários encerraram seus negócios por não conseguirem manter seus estabelecimentos, enquanto seus funcionários perderam sua única fonte de renda —, ainda traz uma sensação de nostalgia e faz ter certeza de que o Centro de Goiânia é um lugar tão antigo, tendo nascido na fundação da cidade, que pode ser considerado um ponto histórico, além de intrigante.

O eixo cruza a avenida principal, chamada de Avenida Anhanguera, um caminho tão longo que é usado por esses veículos extensos para atravessar Goiânia de maneira mais rápida e sem muitas curvas. Além disso, motoristas novos na área, que não conhecem bem a cidade, usam essa autoestrada como prevenção para não se perderem de seu destino. Todavia, para os experientes, é um lugar a ser evitado, pela quantidade de sinaleiros e movimento de carros e pedestres que habitam o local.

Para os que ganharam sua preciosa carteira recentemente, apesar de ser um caminho sem muitos riscos de se perderem, ainda traz uma sensação de terror. Lembra que eu mencionei

sobre ela ser muito movimentada? Pois bem, a quantidade de carros à frente é algo assustador; a sensação de ocorrer uma batida a qualquer momento é certa. Pessoas estão por todos os lados, querendo atravessar a rua, muitas vezes desorientadas por terem acabado de descer de um eixão; cachorros e gatos vira-latas caminham sem medo da morte ou qualquer tipo de preocupação. A Anhanguera é um lugar de fácil acesso, mas, ao mesmo tempo, muito arriscado.

Depois de uma viagem de 1h30, chegamos ao nosso destino: a Estação Rua 8 é uma pequena plataforma que comporta poucas pessoas. Depois da reforma, houve um aumento — se antes cabiam no máximo 30 passageiros, agora há espaço para 40. Ainda assim, quando é o sofrido horário de pico, há uma sensação de falta de ar, com empurra-empurra para os desafortunados que estão presentes.

A plataforma, assim como as outras, também é alta — uma altura que possibilita o embarque e o desembarque dos passageiros. Às vezes, quando se está entediado, esperando o bendito eixão chegar, olhamos para baixo e temos pensamentos intrusivos de pular, como uma espécie de experimento.

Perguntas começam a surgir na mente: “Será que minhas pernas suportam cair dessa altura?” (provavelmente não). “Será que, se eu pular, um eixão aparece magicamente me levando a um final trágico?” (por que estou pensando isso?). É interessante e, ao mesmo tempo, engraçado o quanto nossa mente gosta de pregar peças.

Descemos do eixão, estamos na Estação Rua 8, mais tecnológica e com aspecto mais moderno depois da reforma. Passamos pelas grades giratórias e vamos atravessar aquela avenida movimentada e medonha, enquanto estamos desorientados, atrasados e com medo da bronca da amiga que estava bombardeando

sua caixa com mensagens desesperadas.

Por ali, não há um sinaleiro, o que amedronta um pouco mais do que já era esperado. Tudo o que temos é uma faixa de pedestre — essa que pode te ajudar, caso os motoristas sejam pessoas educadas e que respeitam as leis de trânsito. Bem, meu caro leitor, infelizmente, esse não é o caso de Goiânia.

E lá estamos nós, com pressa e esperando a bendita fileira de carros infinita ter um fim. Ninguém se propõe a parar. Sinto o celular vibrando no bolso... será que vou ter que apelar?

Após o número de automóveis ter diminuído — finalmente! —, a travessia é feita de modo rápido e desesperado. A correria causa fadiga; passamos por algumas construções velhas, pequenas, mas com muita personalidade. O cinema ali não é muito longe, mas o sol está tão quente que parece que o cinema se encontra do outro lado da cidade.

Depois da correria, da sede, do suor, da respiração descontrolada, chegamos ao “Cine Ritz”. O local é um cinema antigo, com uma construção e um design datados de 1991, ano de sua fundação. Apesar de ter passado por várias reformas, os donos do lugar preferiram manter o local com um aspecto dos anos 1990, uma maneira de preservar sua história e tudo o que nela habita.

Apesar de ser um cinema pequeno, o Cine Ritz traz muito conforto aos cinéfilos que o frequentam. Sua energia acolhedora, misturada com a recepção gentil — que, diferente de outros lugares, se importa com filmes e entende de todo o universo cinematográfico — encanta. Ao chegarmos, ainda não podemos começar sem obter os ingressos para assistir à sessão.

Paramos em frente a uma cabine que fica ao meio do prédio, com uma janela de vidro, onde uma mulher simpática pergunta qual filme desejamos assistir. A obra escolhida tem o nome de

“Ainda Estou Aqui”, produzida aqui no Brasil, que tem como protagonista a icônica atriz Fernanda Torres.

A mulher atuou de um modo que arrancou lágrimas de todos aqueles que acompanharam o filme, principalmente por fazer o papel de uma mulher que passou e sofreu os horrores da ditadura militar.

O filme é um retrato de um período sombrio da história do Brasil e conseguiu um Oscar de Melhor Filme Internacional, sendo um marco para o país e motivo de festa para todos os brasileiros com seus neurônios em dia. Pegamos os nossos ingressos e nos surpreendemos com o fato de que o filme só vai começar a partir das 18h.

Diferente dos famosos, grandes e caros cinemas de shopping, o Cine Ritz possui apenas duas salas; por esse motivo, os organizadores precisam montar um cronograma com horários que caiba nos limites das salas e que permita a transmissão de todas as obras em cartaz.

Ficamos satisfeitos em pagar um ingresso de 10 reais, diferente de outros lugares em que o valor chega à casa dos 20. Apesar de termos que esperar até a sessão começar, podemos aproveitar e passear pelos arredores da Rua 8. Quem sabe... comprar um livro na pequena livraria na quadra de baixo ou comer um hambúrguer extremamente gorduroso, que provavelmente deixa seu colesterol nas últimas, mas que é uma delícia. Bem, podemos andar mais um pouco pelo Centro de Goiânia para matar o tempo.

Ao chegar a noite, voltamos ao Cine Ritz para nos prepararmos para o filme. As mulheres nos servem um saco de pipoca, que veio de brinde com os ingressos. O prédio possui duas direções, à esquerda e à direita — lugares onde se encontram as duas salas em que são transmitidos os filmes. Nossa sessão está à esquerda;

caminhamos para esperar em uma fila até alguns funcionários do cinema liberarem a sala.

Enquanto esperávamos na fila, era cômico ouvirmos a conversa das pessoas ao redor. Atrás de nós havia duas mulheres que conversavam sobre o aclamado filme da “Fernanda Torres”. O marketing em torno da atriz foi tão grande que a obra ficou conhecida dessa forma.

As duas mulheres aparentavam ser mãe e filha; a mãe já era uma senhora de idade e se locomovia com uma cadeira de rodas. Elas falaram que sabiam pouco sobre o filme, sobre qual história iria transmitir, mas pareciam animadas com a participação da artista na obra.

Na nossa frente havia um rapaz magro e de corpo esguio. Seu forte cheiro de nicotina não enganava ninguém. Ao que parecia, o homem era professor da rede pública de Goiânia, de Geografia especificamente. Ele estava acompanhado de alguém que é um borrão na minha memória.

Eles comentavam o quanto esse filme é importante, ainda mais nos dias em que o fascismo retornou para nos infernizar. Sua ideia era passar o filme em sala de aula, pois sua preocupação era o quanto a nova geração estava caindo em um papo conservador e preconceituoso; principalmente entrando em um negacionismo em relação a todas as ciências existentes, inclusive a História.

Finalmente, os funcionários nos deixaram entrar; entregamos nossos ingressos para o senhor simpático e adentramos na sala escura, também considerada o início de um novo universo.

Como qualquer outro cinema, a sala era escura, com só algumas luzes acesas para permitir que o público se acomodasse. Descemos por uma rampa em declínio e vagamos por entre as várias fileiras de cadeiras até acharmos o nosso lugar, ao meio —

nem muito em cima, nem muito embaixo; um pouco à esquerda, mas nem tanto. Sentamo-nos para olhar para a grande tela por onde o filme iria passar.

A sala estava extremamente gelada, um alívio depois de ficarmos embaixo de um sol de aproximadamente 30 graus o dia todo. Sentamo-nos em uma cadeira macia e confortável e relaxamos até o filme começar.

A experiência de assistir ao filme foi a mesma experiência de qualquer cinema caro de shopping. Uma tela gigante, cores em destaque, volume no máximo saindo das caixas de som. E, ainda assim, aquele lugar não dá nem metade do público dos cinemas de shopping.

É uma dúvida que sempre passa pela minha mente: por que valorizamos lugares mais caros, onde precisamos pagar pela nossa pipoca, e saímos de lá com a mesma sensação de um cinema de rua mais barato, com guloseimas de brinde? Uma sensação de alegria me invade ao perceber que aquela sala estava cheia; o poder da Fernanda Torres foi capaz de fazer aquelas pessoas apreciarem aquele lugar.

Fim do filme, momento de partir. Faço todo o meu caminho de volta para a Estação Rua 8, esperando pelo meu eixão. Atravesso a Avenida Anhanguera e observo os prédios antigos, abandonados e históricos. Com uma sensação de nostalgia latente e um pensamento de: “aqui é o meu lugar”.

Referência Bibliográfica

SANTOS, Ana Sofia Oliveira dos. *A fotografia e a pintura rupestre: relações entre imagem e memória*. Porto: Universidade do Porto, 2008. Disponível em: [Repositório Aberto da Universidade do Porto](#).

PAULA, Leandro Raphael Nascimento de. *A Última Ceia*. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2007. Anais [...]. Disponível em: [Intercom](#)

SALLES, Filipe. *Breve história da fotografia, 2004*. Disponível em: [MiniWeb Educação](#).

GONÇALVES, Osmar. *Cinemas de Salvador: apogeu e decadência*. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2021. Disponível em: [Laboratório Urbano UFBA](#)

CAVALCANTI, Maiara do Nascimento; CAVALCANTI, Carolina. *Série de reportagens para TV: resgate histórico dos cinemas de rua do Recife*. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação,

2021, Recife. Anais [...]. Disponível em: [Portal Intercom](#)

ARTINO, Giovana. *De marco cultural a vazio urbano: o que podemos aprender sobre a história dos cinemas de rua*. [ArchDaily Brasil](#), 21 nov. 2021. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/971074/de-marco-cultural-a-vazio-urbano-o-que-podemos-aprender-sobre-a-historia-dos-cinemas-de-rua>. Acesso em: 29 maio 2026.

SOARES, Gustavo. *Cinema goianiense: entenda a trajetória das salas de rua e as perspectivas para o cinema local*. [Jornal Opção](#), 5 nov. 2024. Disponível em: <https://www.jornalopcao.com.br/ultimas-noticias/cinema-goianiense-entenda-a-trajetoria-das-salas-de-rua-e-as-perspectivas-para-o-cinema-local-654193/>. Acesso em: 29 maio 2026.

MONTELEONE, Joana. *A Hollywood de Pernambuco*. [Revista Pesquisa FAPESP](#), ed. 100, jun. 2004. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/a-hollywood-de-pernambuco/>

FERREIRA, Clenon. *Goiânia 89 anos: no escurinho do Cine-Teatro Goiânia*. [O Popular](#), 2022. Disponível em: <https://opopular.com.br/magazine/goiania-89-anos-no-escurinho-do-cine-teatro-goiania-1.2545397>. Acesso em: 29 maio 2026.

SANTOS, Clenon dos. *Fechado há dez meses, único cinema de rua de Goiânia pede socorro*. [O Popular Magazine](#), Goiânia, 2020. Disponível em: <https://opopular.com.br/magazine/fechado-ha-dez-meses-unico-cinema-de-rua-de-goiania-pede-socorro-1.2187233>

SANTOS, Clenon dos. *Cine Ritz ganha nova fachada e se prepara para série de mudanças*. [O Popular Magazine](#), Goiânia, 2024.

Disponível em: <https://opopular.com.br/magazine/cine-ritz-ganha-nova-fachada-e-se-prepara-para-serie-de-mudancas-1.3114153>